

# Entender para CUIDAR MELHOR

Pesquisadores descobrem que humanos têm muitas dificuldades de identificar os sentimentos corretos dos cães. Grupo espera evitar que má-interpretação de sinais emocionais resulte em cuidados inadequados

» ISABELLA ALMEIDA

Segundo a ciência, se uma pessoa está feliz, ela provavelmente pensa que os outros ao seu redor também estão alegres. Quando alguém está contente, no entanto, olha para um cachorro, o sentimento é curiosamente oposto. Um estudo conduzido por cientistas comportamentais da Universidade Estadual do Arizona (ASU), nos Estados Unidos, revela que se sentir animado pode fazer com que você pense que seu cão está triste. Ainda segundo a pesquisa, publicada na revista *PeerJ*, se a emoção sentida pelo humano for negativa, ele tende a pensar que o animal está contente. O grupo queria justamente entender essa dificuldade de identificar emoções corretas nos pets.

"Nesse domínio de como as pessoas entendem as emoções dos cães, fico constantemente surpreso", afirma o coautor Clive Wynne, professor de psicologia e diretor do Laboratório de Ciências Caninas da ASU. "Sinto que estamos apenas arranhando a superfície do que está se revelando um grande mistério."

A investigação integra um esforço mais amplo para compreender os vieses cognitivos que moldam como os humanos interpretam emoções em outras espécies. "Se pudermos entender melhor como percebemos as emoções dos animais, poderemos cuidar melhor deles", diz, esperançosa, a primeira autora, Holly Molinaro.

Três cães participaram da pesquisa. Oliver, um vira-lata de 14 anos; Canyon, um catahoula de 1 ano; e Henry, um buldogue francês de 3 anos. Para captar reações positivas, neutras e negativas, os tutores foram orientados a provocar diferentes estímulos emocionais.

Oliver respondeu a um petisco, e Canyon, a um brinquedo. Henry se animou ao ouvir que veria a "Vovó". Para induzir reações negativas, Oliver viu um gato, enquanto Canyon e



Professor de psicologia da ASU, Clive Wynne posa para um retrato com sua galga, Ginger

Henry foram expostos a um aspirador de pó. As cenas neutras mostravam os animais apenas esperando ou descansando. Todos os vídeos foram editados para manter somente o cão visível sobre um fundo preto.

## Alunos e cães

No primeiro experimento, 300 estudantes universitários foram expostos a imagens padronizadas usadas para induzir estados emocionais positivos, neutros ou negativos. Em seguida, avaliaram vídeos dos cães nessas mesmas condições, classificando o quanto felizes, tristes, calmos ou animados os animais pareciam. Embora o material tenha alterado o humor dos participantes, isso não influenciou

a forma como interpretaram o estudo emocional dos cães.

Para esclarecer as descobertas, os pesquisadores criaram outro teste, investigando se a ausência de efeito se devia ao uso de imagens de pessoas. "Pensamos: e se usássemos imagens de preparação realmente de cães — um cão brincando no parque, um filhote em uma xícara de chá, por exemplo, ou um cão abandonado na rua?", explicou Molinaro.

Mais 300 estudantes participaram dessa nova etapa, influenciados apenas por imagens de cachorros. "Desta vez, o que descobrimos foi um efeito, mas na direção oposta", afirmou. "Todos aqueles que viram as imagens dos cães

felizes classificaram os cães como mais tristes. E todos aqueles que viram as imagens dos cães tristes classificaram os cães nos vídeos como mais felizes."

Os pesquisadores também observaram que assistir aos vídeos dos cães, mesmo quando apresentavam expressões negativas, elevou o humor dos participantes. No conjunto, os resultados reforçam como ainda há lacunas na forma como interpretamos nossos companheiros de longa data.

Conforme a psicóloga clínica e neuropsicóloga pelo Instituto de Psicologia Aplicada e Formação de Portugal (IpaF) Juliana Gebrim, ao avaliar emoções humanas existe um padrão bem conhecido.

"Tendemos a interpretar o outro de acordo com o que sentimos. Se estou triste, percebo mais tristeza; se estou feliz, vejo mais alegria. Mas a pesquisa mostra que, com cães, esse mecanismo não funciona da mesma forma."

"Pessoas e cães convivem intimamente há pelo menos 14 mil anos. E, nesse tempo, os cães aprenderam muito sobre como se relacionar com os seres humanos", disse Wynne. "No entanto, nossa pesquisa sugere que ainda existem grandes lacunas em nossa compreensão dos sentimentos dos cães."

Conforme o psicólogo clínico Miguel Bunge, os vieses na interpretação das emoções dos animais podem afetar o bem-estar dos tutores de maneira

profunda. "O primeiro ponto a se pensar é que podemos interpretar errado o sinal dos nossos amigos de quatro patas, compreendendo sinais de estresse e desconforto como felicidade. É importante avaliarmos sempre nosso estado emocional e compreendermos que, para ler nossos pets, nossos mecanismos são pouco eficazes."

Segundo os cientistas, a má-interpretação de sinais emocionais pode resultar em manejo inadequado, falta de intervenção e necessidades comportamentais não atendidas. Molinaro e Wynne acreditam que o estudo pode aprimorar as relações humanos-animais e promover cuidados mais precisos, empáticos e alinhados ao bem-estar dos bichos.

## » Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Jorge Carrillo-Briceño/Divulgação



## Segunda-feira, 1º GIGANTES HÁ MILHÕES DE ANOS

Após a análise de fósseis de serpentes gigantes da América do Sul, uma equipe de pesquisadores da Universidade de Cambridge concluiu que essas serpentes tropicais atingiram seu tamanho máximo há 12,4 milhões de anos. E, desde então, permaneceram gigantes. Várias espécies animais que viveram entre 12,4 milhões e 5,3 milhões de anos atrás eram muito maiores do que seus parentes modernos devido às temperaturas globais mais elevadas, extensas áreas úmidas e abundância de alimento. Enquanto alguns gigantes do Mioceno foram extintos, as serpentes (*Eunectes*) contrariaram a tendência. Esses répteis estão entre as maiores serpentes vivas do mundo. Geralmente têm de quatro a cinco metros de comprimento — em casos raros, podem atingir sete metros. Os pesquisadores mediram 183 vértebras fossilizadas de serpentes, representando pelo menos 32 serpentes, descobertas em Falcón, estado da Venezuela. O estudo foi publicado no *Journal of Vertebrate Paleontology*.

## Terça-feira, 2º SACRIFÍCIO PELA COLÔNIA

Jovens formigas doentes emitem um odor que pede que os adultos as matem para proteger a colônia de uma eventual epidemia. É o que revela um estudo publicado na revista *Nature Communications*, segundo o qual as rainhas parecem evitar esse ato de sacrifício. Segundo a pesquisa, quando os indivíduos mais velhos contraem uma doença que pode se espalhar, eles abandonam o formigueiro para morrer sozinhos. Entretanto, as formigas jovens, no estágio conhecido como pupa, ainda estão em seu casulo e não conseguem se distanciar. "Os formigueiros são um terreno perfeito para a propagação de uma epidemia, com milhares de formigas se arrastando umas sobre as outras", explica Erika Dawson, ecóloga comportamental do Instituto de Ciência e Tecnologia da Áustria e principal autora do estudo.



## Quarta-feira, 3º RASTROS PRESERVADOS

Uma equipe de paleontólogos, liderada por Raúl Esperante, do Instituto de Pesquisa em Geociências da Califórnia, nos Estados Unidos, encontrou na Bolívia uma área fossilífera que preserva milhares de vestígios de dinossauros. Publicado na revista de acesso aberto *PLOS One*, o estudo relata uma variedade sem precedentes de rastros no sítio de Carreras Pampas, no Parque Nacional Torotoro. Em nove locais investigados, os pesquisadores documentaram mais de 16 mil pegadas deixadas por dinossauros terópodes tridáctilos no fim do período Cretáceo. Essas marcas variam em tamanho, de minúsculas (inferiores a 10cm) a grandes (mais de 30cm), e registram uma variedade de comportamentos dos dinossauros, incluindo corrida, natação, arrastar de cauda e até mesmo curvas acentuadas. A Bolívia é conhecida pela abundância de áreas como essa, que fornecem detalhes únicos sobre o comportamento de espécies antigas, mas a maioria deles permanece inédita.

## Quinta-feira, 4º MICROPLÁSTICOS, UMA CATÁSTROFE

Um estudo conduzido por pesquisadores da universidade de Tecnologia de Sydney, na Austrália, e de Auburn, nos Estados Unidos, sugere que os microplásticos, ingeridos diariamente por diversas vias e capazes de se acumular até no cérebro, podem contribuir para doenças neurodegenerativas, como Alzheimer e Parkinson. Isso porque desencadeiam problemas como inflamação, estresse oxidativo — quando há excesso de moléculas agressivas que danificam as células —, ruptura da barreira hematoencefálica — enfraquecimento da proteção que separa o sangue do cérebro, permitindo a entrada de substâncias nocivas —, redução da capacidade das células de produzir energia e danos neuronais. Embora ainda não haja prova definitiva de causalidade, as evidências obtidas pelos cientistas indicam que esses resíduos plásticos podem agravar mecanismos patológicos conhecidos, como acúmulo de beta-amiloide e tau no cérebro.